

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης
Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης Ἰσοκρίτης
MHNIN AEIΔE ΘEA ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

mais significativos do que as simples questões de pronúncia, permanecem palavras como «egípcio», «egípcia», «egípcios», «egípcias», por estes «pês» se pronunciarem na sequência consonântica «pc», fazendo surgir frases aberrantes do tipo: «Como poderemos observar no Museu Egípcio do Cairo, os soberanos egípcios da civilização egípcia residiram no Egito» – onde a palavra-raiz das restantes que de si derivam lhes é completamente estranha perdendo o «p» enquanto elas o mantêm. Diz o inexorável acordo ortográfico de 1990 que as consoantes mudas ou não articuladas serão suprimidas, que é o que acontece com o «p» em parte das sequências consonânticas «pt». Se por vezes, preguiçosamente, tenho pronunciado Egito, muitas mais são as que pronunciei Egípcio, lendo mesmo o «p». Os laboriosos construtores desta verdadeira hecatombe da língua portuguesa de Portugal, quiçá privilegiando interesses geopolíticos e económicos focados no Brasil, acharam que este, pelo menos, não era um dos casos para admitir dupla grafia por, na sua opinião, «não haver oscilação na pronúncia das sequências consonânticas». A confusão adensou-se ao manterem-se alguns «pês» que continuarão a pronunciar-se na sequência «pt» por sempre se terem pronunciado, mesmo que a palavra-raiz o tenha perdido, como é o caso da palavra «egiptólogo». Obviamente que isto não é um problema exclusivo da palavra Egípcio. Eu não sei o que é um cetra! Eu sempre pronunciei ceptro. E isso eu sei o que é! Pelo menos esta palavra ficará com dupla grafia por haver «um grupo de falantes que pronunciam o “p”»!

Que fique bem claro que eu até me apercebo que há várias alterações que fazem sentido! A minha relutância não se prende com qualquer preguiça de reaprender grafias e sei que acabarei por ter que me habituar. O que me custa mesmo é a criação de um maior afastamento de algumas palavras em relação às suas raízes primitivas e uma maior confusão em determinados conjuntos de palavras, caucionados pelas novas grafias.

Telo Ferreira Canhão

KEIKO TAZAWA, *Syro-Palestinian Deities in New Kingdom Egypt. The hermeneutics of their existence*, BAR International Series 1965, England, Archeopress, 2009, pp.192 com anexos fotográficos, ISBN: 978 1 4073 0448 9

Esta monografia constitui uma síntese da tese de doutoramento submetida pelo autor Keiko Tazawa, em 2008, à Universidade de Liverpool, orientada pelo prestigiado egiptólogo Dr. Ian Shaw.

A obra divide-se equilibradamente em seis capítulos onde se inclui a conclusão e apresenta uma extensa e útil bibliografia. No final a obra é complementada por um anexo fotográfico que ilustra e suporta a obra.

No primeiro capítulo, a introdução, encontra-se definida a natureza da investigação, os seus objectivos, fontes e teoria de suporte. O sustentáculo teórico desta obra assenta na transposição de uma teoria da esfera da antropologia económica, apresentada como dissertação de doutoramento em 1994 por K. Maegawa, que relata o modo como uma cultura autóctone e acolhe e assimila as influências de uma cultura externa (neste caso da cultura ocidental nas ilhas Badu, na Austrália) no seio da sua cultura e as consequências que daí advêm.

A «Teoria da Adaptação Translativa» é reduzida ao seu esqueleto teórico e preenchida pela realidade egípcia. Neste caso particular a introdução e acolhimento por parte da comunidade egípcia do Império Novo de um grupo de divindades siro-palestinianas, num processo compatível com o fenómeno de «relação tributária» defendida por Trigger e que se incorpora na teoria principal constituindo a sua base hermenêutica (pp. 1-11).

No segundo capítulo é apresentado um minucioso levantamento do registo de divindades siro-palestinianas em contexto egípcio no decurso do Império Novo, figurando as principais masculinas, Baal, Rechef, Huron e as principais femininas, Anat, Astarte e Qedeshet, distribuídas de acordo com as evidências materiais, iconografia e epítetos. É uma catalogação exaustiva devidamente documentada e uma excelente base de dados para consulta e de suporte a estudos posteriores compilada em quadros e gráficos de análise e acompanhada por minuciosos mapas de distribuição (pp. 13-135).

Num terceiro capítulo, o autor aborda uma selecção de indícios presentes nalguns reinados, no âmbito da esfera real. Estuda a presença de Rechef e Astarte no reinado de Amenhotep II, a situação de Huron e Astarte sob a égide de Tutmés IV, no reinado de Seti I Baal, Huron, Anat e Astarte e nos reinados de Ramsés II e III (pp. 137-148).

No capítulo quarto é executada uma análise da presença de algumas das divindades anteriormente mencionadas sob o prisma da vida quotidiana da época, por oposição à temática do anterior ponto (pp. 149-153).

O capítulo quinto trata fundamentalmente das combinações existentes entre deuses e deusas siro-palestinianas e as divindades egípcias. Paralelismos, convergências e divergências. Foca a combinação Set-Baal suas origens e significados, as relações entre Rechef e Set-Baal na XIX dinastia, e, para concluir as divindades masculinas, a relação entre Huron e as possíveis dimensões mediadas pelo deus Hórus. Nas divindades

femininas são discutidas as convergências entre a divindade egípcia Hathor e as deusas siro-palestinianas Anat, Astarte e Qedeshet. Por fim e a concluir o capítulo um ponto para analisar as relações entre divindades relacionadas com os círculos de fertilidade, como sejam Qedeshet, Rechef e Min na «Estela da Tríade» (pp. 154-167).

O sexto e último capítulo a encerrar a obra, a conclusão expõe uma sucinta reflexão sobre o acervo estudado à luz da teoria que defende e que serve de ponto de partida para o estudo - «teoria da adaptação translativa» bem como de outra teoria - de relação tributária - referenciada e estudada por Trigger (pp. 169-170).

No cômputo geral é uma obra de grande utilidade para o estudo das divindades siro-palestinianas no Egito do Império Novo, com um excelente acervo informativo, bem compilado e definido que resume de força eficiente e prática as evidências materiais de diversas naturezas e origens sobre a temática que se propõe tratar, no Império Novo, apoiada por uma extensa bibliografia.

Equilibrada, clara e concisa esta obra é um precioso manual de consulta e um bom ponto de partida para todos os investigadores que pretendam desenvolver pesquisas nesta área de estudos.

Alexandra Diez de Oliveira

G. R. BOYS-STONES, J. H. HAUBOLD (eds.), *Plato and Hesiod*, Oxford-New York: Oxford University Press, 2010, ix+362 pp. ISBN: 9780199236343

O presente volume teve origem na *Plato and Hesiod Conference*, organizada pelo Collingwood College do Department of Classics and Ancient History da Universidade de Durham, ocorrida nos dias 25, 26 e 27 de Julho de 2006. Os editores do volume, eles próprios autores de textos então apresentados na referida conferência e agora editados no actual volume, pretendem abrir perspectivas sobre a presença de Hesíodo na obra platónica. A escolha de Hesíodo, além de estar naturalmente justificada pelo facto de se tratar do «segundo poeta» helénico, assim classificado pelos Autores, fundamenta-se no questionamento da tradição da leitura de Platão como uma outra via em relação à tradição didáctica hesiódica. *Lato sensu*, o objectivo do presente volume pretende «alargar o conhecimento da recepção de Hesíodo no período compreendido entre a consolidação do cânone arcaico e o advento da poesia helenística» (p. 2).